



www.delfimsantos.org

Resenha de *Fundamentação Existencial da Pedagogia*

Jones Rocha (1952)

Letras e Artes, Suplemento do jornal *A Manhã*, Rio de Janeiro, 21.12.52;
Reeditado em *Letras da Província* 49, Limeira, jan. 1953, 1.

Em boa hora faz a editora Letras da Província o lançamento, em sua coleção 'Breves Estudos Filosóficos', do trabalho do Prof. Delfim Santos (da Universidade de Lisboa), *Fundamentação Existencial da Pedagogia*.

Trata-se de trabalho de rigoroso estofo, grave desde o levantamento crítico até a dignidade da posição defendida diante do assunto. Debatendo a problemática da pedagogia, procura o Prof. Delfim Santos antes de mais situá-la em sua devida autonomia no círculo das ciências do espírito, o que até então não tem sido feito, já que os sistematizadores teimam em colocar a citada matéria como subsidiária da Filosofia ou da Psicologia, quando não da Sociologia.

O conceito de que se vale o autor para a caracterização da matéria identifica-se com a noção antropológica existencial, cujos fundamentos fenomenológicos são verificados na obra do filósofo [Maurice] Merleau-Ponty, autor sobejamente citado e afirmado no estudo em causa. Desse modo, tanto a própria metodologia, como ainda a noção essencial de comportamento, podem «fazer-se equivaler à noção de existência, que tanto relevo assume no pensamento contemporâneo».

Rejeitando a psicologia tradicional, os postulados fisicistas, funcionalistas, mecanicistas, o aspecto ortodoxo do behaviorismo, o condutismo, como ainda as explicações parciais da reflexologia de Pavlov, os sedimentos psicológicos da pedagogia do mestre português se colocam da parte da filosofia estruturalista, apontando suas raízes em [Wilhelm] Dilthey e [Eduard] Spranger, na *Weltanschauung* do primeiro e na *Lebensformen* do segundo, que são a urdidura básica da tipologia estrutural. Ainda sob esse aspecto não descarta o autor os subsídios relevantes da caracterologia, firmando-se em Kretschmer, cujos trabalhos, ainda que de natureza fisicista, fundearam âncoras para o conhecimento mais sólido da unidade simbólica que é o homem. Isto a partir da estrutura corporal que o citado Merleau-Ponty, justificando mesmo o «comportamento simbólico», situaria como «objeto entre objetos». Comportamento simbólico porém que há-de ser entendido no sentido



www.delfimsantos.org

objetivo do conhecimento e do aprendizado humano, no que seu valor é tanto maior quanto mais potente for sua capacidade plástica de interação transobjetiva; sendo que, na potenciação como já na realidade elementar desse simbolismo comportamental, reside a diferença radical e a dissensão fenomenológica do psiquismo do humano para o animal. Na reiteração de tais diferenças e dissensões o autor cita experiências de [Wolfgang] Köhler, [Kurt] Goldstein, [Herbert Spencer] Jennings e outros, bastante esclarecedoras de como – para a aferição do conhecimento simbólico, que é de forma ativa na percepção humana, como negativa na do animal – «o sinal (ou seja, o dado percebido) é sempre conjuntivo, isto é, de uma situação condicionada permite a passagem para outra incondicionada».

Quer-nos parecer haja no livro do Prof. Delfim Santos uma única incompatibilidade, essa marcada na estrutura mesma do pensamento, no que este se entrosa à compreensão fenomenológica. Queremos nos referir à problemática psicológica contraditada no «comportamento simbólico», quando este é posto diante da moral particular da pessoa existencial. Não que rejeitemos a contradição, considerando a coerência como elemento estrutural da personalidade. Porém que nos parece ser o aprendizado irreduzível em sua universalidade simbólica à particularização moral que se resume apenas a diferenças de processos racionalizadores. A impessoalidade objetiva do comportamento simbólico supõe a translação concreta ao domínio dos valores para sua compenetração e compreensão autênticas. Ora a moral há-de ser apreendida em seu significado existencial, assegurando seu valor universal, para que possa seu valor categórico ser conferido na pessoa segundo uma vivência concreta, e não aprioristicamente submetida a normas gerais. Assim, o comportamento simbólico em suas manifestações de valor ético não se achará reduzido à particularidade contingente, mas sim, ainda, estruturado segundo a forma transcendente em que se ajusta à pessoa-singular, para usarmos aqui a terminologia fenomenológica de Max Scheler.

De resto, as concepções sobre a aprendizagem humana assumem na *Fundamentação Existencial da Pedagogia* proporções as mais dignamente desejadas para uma cultura não meramente humanística, mas pelo homem, pelo valor do homem como «ser interrogante». Reside aí o grande brio do trabalho fartamente original do ilustre pensador português de quem gostaríamos ter às mãos os trabalhos noticiados na bibliografia. Fundamenta ele uma pedagogia de espontaneidade compreensiva, que não seja o inculcamento mecânico de «estático saber» à base de artificiosa motivação, detratora do significado vital do conhecimento. Uma pedagogia cuja situação seja reconhecida em sua dinâmica contraditória, fiada na excelência axiológica da verdade psicológica. Dialeticamente existencial. Sem o que não há o que ociosamente é chamado cultura, e que não passa de sumário condicionamento de vícios intelectuais. Compreende-se no livro que ora comentamos que o ser culto é sobretudo aquele que guarda como essencial uma predisposição afetiva, assim como uma excitabilidade –



www.delfimsantos.org

como diria ainda Merleau-Ponty - que crie relações vitalmente intelectivas com a realidade. Banindo assim o culturalismo de fetiches, humanizando o que subsistisse. E nem tem sido outro o problema secular da cultura.

Jones Rocha